

ESTRELLA POVOENSE

Semanario independente

Anno 18 Administrador e proprietarios--Antonio M. Finza da Silva e Julio R. de Cepeda Chaves. Redactores - Antonio Martinho Finza da Silva e Celso Brandão. N.894

ESTRELLA—São Maria de Lourenço

Annuncios e communicados, linha, 30 rs. Annuncios d'anno, pregos convencionaes. Annuncios litterarios gratis, enviando um exemplar.

Povoa de Varzim, 6 de maio de 1894

Assignaturas: Povoa, semestre, 600 rs. — Para fóra, anno 1200 rs. — Brazil, anno 35000 rs. fortes. — Redacção e administração, rua do Cidral, 33.

Povoa de Varzim

MISERIA

POVEIRA

Entre o estado e elle o pescador poviro, a seguinte distribuição de serviços: o estado recebe; elle paga. Paga e pesca.

Sr. Ramalho Ortigão.

Mais uma vez, que não será a ultima, nos chegamos da Povoa noticias da lancinante miseria em que se vê a colonia dos seus cinco mil pescadores, agora as tres mil pessoas ainda que, da pescaria, obtêm todos os recursos da vida. Intervém, na angustiada situação d'aquella gente, a agitação do mar, por uma banda e da outra, ao que dizem, a ausencia progressiva do peixe cuja realidade fundamentada nos factos, as apparencias causadas pela pesca a vapor.

A bravura da agua investida, d'ordinario, o poveiro com a audacia imprudente que se explica pelo seu estado social quasi barbaro, junta, de resto, aquelle pericia e pratica, as maiores em toda a costa, desde S. Vicente até Caminha, do que já nos fallava Lacerda Lobo, em fins do seculo passado. Simplesmente, toda a sua temeridade e muitas vezes frustrada perante o desabrigo que lhe offerece a enseada no desembarque, e não raro, como todos sabemos, o mar bravo dá com elle no fundo, mercê da impotencia do insignificante quebramar em face do impeto violento da vaga nas occasiões do burrasca. Esta historia da doca

da Povoa de Varzim, ha cem annos começada por D. Francisco de Almada, mas ainda hoje no estado que os acontecimentos sabidos fazem presumir, encerra uma das características mais assignalaveis da torpeza administrativa nacional. E por isso mesmo, mais uma vez, pela millesima vez, é interessante reeditar os factos que a comprovam.

Em toda a costa portugueza, o maior centro piscatorio é o da Povoa. D'um *Relatorio da abastimentação geral do peixe* deprehende-se que a população maritima dessa localidade constitue um quinto de toda a população que, em Portugal, explora as aguas do mar. O pescador poveiro não limita a sua industria á pesca costeira: pratica tambem a do alto; e desde o limite da maré baixa até além do banco da pescada, esta zona exprime-se por muitas leguas distantes do litoral. Nem d'outra sorte se explica a variedade de peixes que, em determinadas épocas, trazem nas suas redes: em toda a area de exploração e n'uma extensão cujos limites se encontrarão em frente d'um porto gallego, ao norte, e da Figueira, ao sul, o pescador poveiro exerce sem falhas e com todo o apparelho rudimentar que usa, o mister. O valor do pescado obtido eleva-se, pois, a verbas consideraveis; conforme as indicações mais recentes, vê-se n'um *Relatorio sobre a pesca maritima da capitania da Povoa de Varzim* que o imposto rendia annualmente cerca de 9.000\$000 rs., o que significa que a importancia bruta do peixe excedia a verba de 200.000\$000 reis. E' necessario, porém, ter em vista, que estes numeros se referem ao peixe entrado na Povoa; e como os barcos de lá vêm fre-

quentemente collocar a sua mercadoria n'outros portos da costa portugueza, quando não vão a Hespanha, o valor total do peixe colhido por elles tem sido computado em 300 ou rois 350.000\$000 annuaes. N'esto numero é amia para notar que só o producto da sardinha, peixe este cujo valor economico é indistincto, se orça por 50.000\$000 reis.

Ora 5.000 pescadores, trabalhando em 700 embarcações, dando ao estado o imposto apontado e contribuindo para a alimentação publica com a somma dos productos comestiveis que corresponde a tão avultada verba, constituem, sem objecção alguma, um centro de actividade dos mais importantes do paiz. Agora: como é que o estado retribue, em serviços, aquelles que recebe? E' ainda n'um *relatorio*, do inquerito industrial de 81, que se pode ver reproduzida, em toda a verdade, a historia d'essa retribuição: "O producto da pesca é cercado antes da divisação pelo fisco, na decima sexta parte: imposto de uma voracidade unica entre nós, e tanto mais abusivo quanto a população vive n'um estado primitivo e isolado, em que, pode dizer-se, nada pede e nada recebe do estado. A sua estrada é o mar, não carece de quem lhe abra caminhos. Não conhece a necessidade de ler, dispensando pois as escolas. Não se occupa da politica, embora periodicamente a façam votar, nem tem opiniões radicadas ou retrogradadas: por isso dispensa a policia que contem as descordens. Por leis só conhece os seus usos, por patria só conhece o bocado de praia onde vive desde seculs. Uma unica coisa necessita e pede ha muito tempo: a conclusão d'um abrigo, que a na-

tureza concluiu a meio, para que de inverno sejam menores as catastrophes ao demandar o porto aberto aos temporaes do mar. Nem isso lhe têm feito."

A' extorsão inqualificavel, por injusta, de que é alvo o pescador poveiro, ignorando, rude e bisonho, que é torpemente roubado pelo paiz em que vive, não põe reparo, fica-se alheio ao mais cruel e deshumano abandono de quem manda, escravo, varando a musculo d'aque o barco na areia e dependendo no seu labor a mais rija força que é dado observar em terra portugueza, heroico, affrontando o perigo imminente da furia tanta vez repetida d'um mar encrespado e revoltoso. Sendo dos homens para quem a vida n'esta terra é, no seu exercicio e no seu acaso, mas dura e negra, o poveiro ganha, em media, segundo um documento official, 160 reis diarios! Lucrativa mais, decerto, se fosse sempre manso e fértil o mar amigo. Mas a rapina do imposto, a punição a sua produção, que o sacrificia, e a usura dos que, nas crises, emprestando-lhe, o arruinam. No *relatorio* ultimamente citado lê-se ainda: "Abunda quem o explore, a principiar pelo fisco que, aproveitando-se da sua ignorancia, lhe exige um imposto que é uma iniquidade." Uma iniquidade! diz a peça official!

E reconhecendo, como é licito, a divida em que o paiz está para com uma classe a quem ha annos vem explorando impunemente, desapiadadamente, o *relatorio* exará mais isto: "Reformar o imposto ou pelo menos applical-o em alguma parte a beneficio dos que o pagam, é mais do que uma necessidade, é um dever... Faça-se a doca da Povoa: dois ou

tres annos do producto do imposto bastarão para isso."

Mas deixando a doca, que não se construirá tão cedo, o mal d'agora proven, segundo informam, da escassez do peixe. Já um delegado maritimo escravia, em 1889, que os pescadores se queixavam da pesca a dinamite realizada na costa comprehendida entre Pampelido e Villa Chã, facto este que explicava a pouca frequencia de varias especies e a ausencia completa d'outras, como o roballo, por exemplo. Não sei se lhe pozera o cobro. O que avulta, porém, e já ha annos, são os desastres que attribuem á pesca a vapor, entre os quaes resalta o desperdicio do peixe miúdo lançado ao mar depois de morto e antes que o fisco, aqui no Porto, por exemplo, possa intervir com a lei e com a cadeia. Ora a despeito da legislação que regula essa pesca, impoem-lhe uma linha limite intransponivel e ameaçando-a com multas pesadissimas, certo que não temos um serviço de fiscalisação organizado de sorte a punir as transgressões não só com multas mas com balas. Regalam-se os defensores dos arrastões com o augmento da permissão de taes pescarias em paizes estrangeiros, na mais pueril ignorancia de como tal arte é exercida sob uma inspecção atilada e estreita; justificam-a com a abundancia relativa de peixe no mercado comparada com a que-se via anteriormente. Bem. Dez ou vinte annos mais darão a compensação negativa da fartura d'agora. E registremos desde já as especies que rareiam sem causa algum, até agora verificada, pelo menos que a explique d'outr'arte.

O que importa saber no mo-

SOLTEIRO

CONTRASTES DA VIDA

(De Balzac)

Entre as verdadeiras satisfações da sua vida de rapaz, todo o homem conta como uma das mais deliciosas coisas, a liberdade e a independencia que tem de escovar a hora de levantar-se da cama. As phantasias do acordar compensam bem as tristezas do partir. Um moço solteiro pode dar voltas a revira voltas que quiser na cama, pôde bocejar e roncicar vontade, pôde além d'isso, saltar aos prestos da vespera, e deixar o fogo acceso no fogão e

a vela a arder, no castiçal; e enfim tornar a adormecer apesar dos trabalhos urgentes que traz entre mãos; fingir que não vê os raios do sol que penetram através das cortinas, que não ouve as requisições sonoras da pendula obstinada, voltar-se para outro lado e dizer:

"Hontem, sim, hontem tinha eu milíssima pressa, mas hoje já não tenho nenhuma. A noite é boa conselheira, faz reflectir sobre os casos... é verdade que eu devia ir... que prometti que havia de fazer e acontecer... mas, nada! não se resiste ao aconchego da cama... são tão macios estes lençoes e tão moles estes colchões... sempre sou muitissimo feliz... Quero tornar a ver os horisontes impossiveis do meu sonhar d'esta noite. Torna a dormir

mais um bocado... um quarto de hora sequer..."

Entretanto o creado lê os jornaes do anno, entreabre a sua correspondencia, fareja os sobrescritos das cartas, e deixa-o dormir socegado. E com effeito elle adormece outra vez socegado pelo rumor surdo das primeiras carruagens que passam. Passam essas e muitissimas outras, um numero infinito d'ellas com um estronito que abala as casas desde os seus alicerces até aos tectos, enquanto que elle, o feliz solteiro, sonha que está n'um paiz de fadas. Todas estas delicias só elle as pode fazer acabar, atirando: com os cobertores e assustando-se na cama. Só elle é competentissimo para fazer a si proprio as necessarias advertencias acerca do seu

irregular procedimento por meio das seguintes expressões severas dirigidas á sua propria pessoa: — "Oh com a breca! isto é tarde. Toca a levantar! Quem quizer levar a vida direita tem de erguer-se cedo, e bem cedo!... Não ha que ver!... sou um grandissimo preguiçoso."

Contudo, vê-se que a pressa ainda não é grande. Percorre a vista pelo quarto, coordena as suas ideias. Enfim, não ha remedio... toca a levantar... expontaneamente, com coragem, por impulso da sua propria vontade e não alheio. Consulta o mais condescendente de todos os relógios e faz as seguintes judiciosas reflexões: — "Não tem duvida! Fulano é preguiçoso, ainda o vou encontrar. Correrá, se preciso for. Elle espera por mim: é claro. Ha

sempre meia hora de espera em todas as conferencias até mesmo entre devedor e credor."

Calça as botas com furor, veste-se como quem recela ser surpreendido em trajos menores, e até que enfim, eil-o prompto, sem ter que dar satisfações a ninguém. Sae como um vencedor, cantarelando, fazendo girar a bengala, sacudindo as orelhas, a passo largo, rotolando galopando, como muito bem lhe parece.

"Por fim de contas, — vai dizendo, com os seus botões — não tenho que dar satisfações a ninguém, manda em mim sou eu e só eu!"

C. Brandão.

(Continua)

